

Uma avó... uma história: digressões históricas e autobiográficas.

Ercília Macedo-Eckel

Quase ninguém me conhece por Domethildes de Matos Macedo. Chamam-me popularmente de Doninha. Nasci dois anos antes da abolição da escravatura na Fazenda Juazeiro, a trinta léguas da Lapa do Bom Jesus, se não me falha a memória. Venho de família numerosa e vida loooonga. Imagine que a minha bisa morreu com 110 anos. Tenho origem no clã de Gregório de Matos, o boca do inferno do Brasil Colonial, por parte de meu pai, José Evangelista de Matos, tio (?) de Horácio de Matos e Victor de Matos, temidos em muitas comarcas do sertão baiano, e dos Oliveira Ledos por parte de minha mãe. Só carrego um defeito: o de conversar alto, porque não sei falar na cumbuca. Ah! Também não me calo diante de um desaforo. Quando dizem truque, respondo: Vale seis, papudos, pois onde mata o boi aí tira o couro, ô chente.

O coronelismo, a seca e a fome do agreste fizeram meus pais sonharem e migrarem para o interior de São Paulo, Fazenda Córrego da Égua, perto de Bebedouro, que passou a ser nosso comércio. Levaram-me a mim e mais meus treze irmãos. Logo depois, aos 17/18 anos, aprendi a canção que homenageava Santos Dumont por seu grande feito em Paris (1903).

Não tive pressa para me casar, entretanto no casamento de Dina, minha irmã mais nova, que me fizera de pinguela, conheci meu falecido marido, também baiano, empreiteiro de cafezais em Jaborandi que, na época, era distrito de Barretos. Aqui registrei a minha única filha, minha dor de cabeça. Como era bonita a danadinha! Dela restaram-me seis netos (três casais) dos quais cinco acabei de criar.

O percurso do grupo que veio dos cafezais de São Paulo para Goiás foi sofrido e com alpargatas de couro cru, que a gente mesma fazia. Parávamos, de vez em quando, a fim de desincharmos os pés, banhando-os no caldo de feijão. As crianças das famílias João Belle e Juvêncio (Aurélio) Correia da Silva (Esta última parente de meu marido) vinham em bruacas sobre cavalgaduras. Era 1922, Centenário da Independência, governo de Epiácio Pessoa, Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, para impedir a candidatura café-com-leite de Artur Bernardes. Era festa de Trindade em Barro Preto. Aqui comprei minha máquina de costura, de mão e inseparável companheira. Ouvimos dizer que em março desse mesmo ano foi fundada a Escola de Farmácia de Goiás _ por iniciativa do Dr. Brasil Ramos Caiado.

Quando aqueles bichos esquisitos chegamos na então Capital, penso que os vilaboenses se confundiram e gritavam fechando portas e janelas: Olha os revoltosos do tenentismo. Olha os revoltosos da salvação nacional! E nossos passos nas ruas de pedra eram respondidos pelo eco das casas e janelas despovoadas e pelos becos sombrios.

A situação no Brasil era crítica: inflação, desemprego, voto de cabresto, fraude eleitoral e corrupção no governo. Nossa dívida externa no final de 31 estava em torno de 20 milhões de contos de réis. Ouvei dizer também que ela começou em 1883, três anos antes de eu nascer, e que precisava ser paga em libras, dólares e francos. Porém os credores sempre estudamos uma renegociação, um novo empréstimo para pagar o que já devemos. E isso aconteceu em março de 32 e o país pôde respirar por mais algum tempo. De minha parte, espero que meus netos, bisnetos, trinets e tetranets não sofram, no futuro, esse mesmo constrangimento.

Chegamos em Goiás no auge da oligarquia Caiado, depois dos Bulhões e antes dos Ludovicos. Alojamo-nos em terras do Dr. Arnulfo (com ph) Ramos Caiado e por ele fomos medicados. Mais tarde, com muito sacrifício, chegamos a ter a nossa própria fazenda (na fachada 1932-1934), animais

sem conta e a satisfação de receber Dr. Brasil, nas suas caçadas, verdadeiras andanças de diversão e cachorros mil, e servi-lhe um arroz com suã, do qual ele dizia, lambendo as longas barbas: Bem temperado, bem temperado!

Era um atraso medonho, um sertão bruto esse Goiás. Certa ocasião, levantei-me com o lusco-fusco ainda. Jacá com espigas de milho e raízes de mandioca até a boca, ali, de lado, na calçada alta da varanda. Abóbora madura picada, também. Cuia na mão, as sementes abriam leques amarelos pelos ares. Ti-ri-ri, titi! Galinhas de todos os matizes pintavam o terreiro. E alguns porcos intrusos surgiam, destoando o toc-toc dos bicos na terra seca e dura. Ô bicho excomungado é porco! Estava sempre a cortar-lhes o focinho a fim de deixarem as plantações sossegadas. Como eu ia dizendo, tratava das criações... foi então que vi Nazi perturbando a ração dos animais, fazendo-os correr. Nazi, Nazi, gritei-lhe, intrigada. O cachorro nem se moveu e, com o rabo entre as pernas, me olhava insistentemente. Cheguei mais perto. Criatura de Deus, era uma onça! Arrepiei-me toda. Abílio não estava em casa. Tinha viajado no seu cavalo Mussolini para a cidade de Goiás. Eu não sabia atirar. Bradei feio, mas feio mesmo e ela ganhou o caminho da mata, a passos de lesma.

Outra feita, os cães latiram no meio da noite, nós acompanhamos seus latidos e, num piscar de olhos, um bando de queixadas nos cercou. Olha daqui, olha dali, e nada para subir... finalmente um tronco velho de árvore no capim jaraguá. Alçamos com o candeeiro apaga-não-apaga e ali ficamos com o coração na garganta, temendo uma escorregadela, até que o sol deu uma chifrada definitiva na escuridão e pudemos voltar para casa sem perigo.

Também vi muita gente correr horrorizada do primeiro automóvel da cidade de Goiás, de propriedade do Sr. Antônio Xavier Guimarães ... Não me admira, porque até hoje não acredito que alguém pisou na lua. É filme de televisão, homessa!

Já vivi muita coisa. Trabalhei de enxada e ordenha à feitura de rendas e coletes para festas. Já tive fornos de barro e grandes fornalhas para telhas, potes e petas ou para tachadas de farinha e rapadura. Para a alegria desenfreada dos bilros entre meus dedos havia uma grande almofada redonda, papelão em tiras com as marcas e centenas de alfinetes, na confecção das referidas rendas. Fogão, só caipira. Máquina de costura, só de mão, aquela, de Barro Preto. Empregada? Nunca tive. Não tenho paciência p'ra lidar com gente, essa menina.

E os anos correram no moinho do tempo. Escola para os netos, casa grande na cidade de Goiás. Branquinho peludo e anilado na veneziana de moldura colonial, rede de franjas numa das varandas, móveis antigos, panelas de ferro gastas, testemunhas dos bons e maus momentos: chegada das netas mais velhas de Goiânia, com os bisnetos, nos feriados e dias santos; doenças, desgostos, viuvez (1961). E os anos correndo no moinho do tempo, as forças minguando, os ânimos diminuindo, a fé em Deus aumentando sempre, na meditação de Sua palavra.

Peripécias e mais peripécias na família. A casa-relíquia ao lado da residência pastoral da Igreja Cristã Evangélica, em Goiás, foi vendida e modificada. Retalhos de mim foram distribuídos entre os filhos de minha filha. Passei a morar, ora com uma, ora com outra de minhas netas mais velhas, havendo, de permeio, um estágio na Casa dos Velhos, devido a meu espírito forte e própria iniciativa. Passei a receber em vez de dar, a obedecer em vez de ordenar, à mercê dos outros, sem sabor. Porém, esse mundo dá muitas voltas e tudo passa. E, quando meus males forem velhos, esquecidos, os seus serão novos. É a vida que continua. Hoje, tomo as refeições no quarto, o silêncio cachimba ao meu lado e meus desejos dissolvem-se no espaço, nas espirais da fumaça de agostinho. Cheirosos e bonitos saem todos para o trabalho, escola, festas, passeios de fim de semana. Da vidraça eu os vejo entrarem no carro e meus olhos os acompanham até dobrarem a esquina. Antes, queria ir também e me aborrecia por ficar só. Depois, vi que incomodava, alterava os programas, pela falta de ar, pelas pernas trôpegas de juntas reumáticas.

E tudo se repete: leio horas e horas (Voltei a enxergar bem sem óculos), assisto à televisão, faço crochê, reparo algumas roupas e volto a ler... até o dia em que Deus se lembrar de me chamar.

* * *

E Ele a chamou em 10/12 de dezembro de 1981, oito anos depois desse depoimento, aos 95 anos.

*Ercília Macedo-Eckelé membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, sócia da União Brasileira de Escritores – GO e da Academia Petropolitana de Letras – RJ.

Mestra em Letras e Lingüística pela UFG.